

## NARRATIVAS DE UMA PAISAGEM FAMILIAR: UMA ETNOGRAFIA ARQUEOLÓGICA DAS PRIMEIRAS UNIDADES DOMÉSTICAS DE LAGOA DE FORA, SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ

NARRATIVES OF A FAMILY LANDSCAPE: AN ARCHAEOLOGICAL ETHNOGRAPHY OF THE FIRST DOMESTIC UNITS IN LAGOA DE FORA, SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ

Nailton Negreiros Ribeiro<sup>i</sup>

Vanessa Linke<sup>ii</sup>

Henrique Alcantara e Silva<sup>iii</sup>

Samara Sandra de Negreiros Paes<sup>iv</sup>

Edna Paula de Negreiros Paes<sup>v</sup>

Tamires Alves de Negreiros<sup>vi</sup>

<sup>i</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque - UnivASF) e bolsista da Capes. E-mail: nailton.ribeiro@discente.univasf.edu.br

<sup>ii</sup> Docente do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial (Carqueol – UnivASF). E-mail: vanessa.linke@univasf.edu.br

<sup>iii</sup> Mestre em Antropologia (PPGN-UFMG). E-mail: henriquealc@gmail.com

<sup>iv</sup> Arqueóloga pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: samarasdnegreiros@gmail.com.

<sup>v</sup> Graduanda em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: edna.negreiros@discente.univasf.edu.br.

<sup>vi</sup> Pesquisadora comunitária. E-mail: tamires20@gmail.com.

**Resumo** A comunidade de Lagoa de Fora, essencialmente rural, localizada a aproximadamente 12 km de São Raimundo Nonato, sudeste do estado do Piauí, foi fundada na transição do século XIX para XX, por Serapião José de Negreiros e Anna Rosalina das Virgens, onde constituíram uma família de quatorze filhos, dos quais oito deles se estabeleceram na comunidade. Este trabalho teve por objetivo mapear e caracterizar a partir da materialidade e das narrativas memoriais de membros da comunidade as primeiras unidades domésticas, dos filhos de Serapião, na comunidade, a fim de se compreender a conformação inicial da paisagem e as relações estabelecidas com a mesma no seu desenvolvimento. Através de postulações da Arqueologia do Presente, e da Paisagem e da Arquitetura, verifica-se a construção da comunidade vinculada ao parentesco e acesso a recursos, sobretudo hidrológicos. Observa-se ainda a aplicação e manutenção de técnicas vernaculares na construção das unidades domésticas nesse território rural. **Palavras-Chave:** comunidade Lagoa de Fora, Família Negreiros, Arqueologia do Presente.

**Abstract:** The Lagoa de Fora community, essentially rural, located approximately 12 km of São Raimundo Nonato, in the southeast of the state of Piauí, was founded during the transition of 19th to 20th century, by Serapião José de Negreiros e Anna Rosalina das Virgens, where they constituted a family of thirteen children, of which eight of them settled at the community. This text aimed to map and characterize the first domestic unities that were built and occupied by Serapião and Ana Rosalina's children, using the materiality and memorial oral narratives from members of the community, to understand the initial conformation of the landscape and the relations established with it during its development. Using the postulates of the Archaeology of the Present, and Archaeology of Landscape, it was possible to understand that the establishment of the community is linked to kinship and the access to some kind of resources, especially hydrological. We can also observe the application and maintenance of vernacular techniques in the construction of the domestic unities. **Keywords:** community Lagoa de Fora; Negreiros's family; archeology of the present.

## Apresentando a Prosa

A pesquisa<sup>1</sup> a qual se vincula a produção em tela desenvolveu-se na Comunidade Lagoa de Fora, localizada no interior do município de São Raimundo Nonato, no sudeste do estado do Piauí, aproximadamente 12 km do centro urbano. Seu povoamento inicial configura-se na pessoa do senhor Serapião José de Negreiros - mais conhecido por “Pai Pião” - e Anna Rosalina das Virgens, esposa de Serapião, conhecida como “Mãe Dona”.

Segundo as narrativas locais, ao campear por essa região em busca de um animal perdido, e ao longo das suas andanças pela região, Serapião depara-se com os potenciais recursos que esse espaço os possibilitaria. Após a sua escolha de povoar essa que era uma região até então pouco frequentada e habitada, fez dela parte do início da descendência da família Negreiros no sudeste do estado do Piauí.

Hoje a comunidade de Lagoa de Fora ainda é formada majoritariamente por descendentes de seus fundadores que, a partir das relações estabelecidas entre *terra* e *família* têm a reprodução de suas vidas e o constructo contínuo e dinâmicas da paisagem de Lagoa de Fora.

Interessados no processo inicial de ocupação da comunidade no período histórico – século XIX e XX -, nos enveredamos pelas materialidades e narrativas acerca das primeiras unidades domésticas (González-Ruibal, 2001; Nascimento, 2011) envolvidas na construção paisagística de Lagoa de Fora, tomando para isso os descendentes diretos de Serapião e sua esposa Anna Rosalina das Virgens, no caso, seus filhos e filhas (Ribeiro, 2023).

Por entre memórias, coisas e lugares, nós apoiamos nas ideias de unidades domésticas de González-Ruibal (2001) e Nascimento (2011), que apontam respectivamente que esta “[...] reflete, e ao mesmo tempo condiciona, os vários comportamentos sociais de um grupo e a sua percepção do mundo” (González-Ruibal, 2001:1, tradução nossa) e que “[...] as atividades realizadas nesses espaços são responsáveis pelo registro material e podem dar conta da história do grupo, do uso da terra e das mudanças na paisagem” (Nascimento, 2011, p. 40).

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado/síntese do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Nailton Negreiros Ribeiro, defendido no ano de 2023, no âmbito do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), campus Serra da Capivara, intitulado: “As primeiras ocupações da família Negreiros em Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí: Mapeamento, materialidades e narrativas”, que por sua vez se vincula à pesquisa coordenada por Vanessa Linke intitulada “História, Memória, Pessoas, Seres e Coisas: uma Biografia da Paisagem do Povoado de Lagoa de Fora”.

Fez-se assim objetivo de pesquisa, compreender como se desenvolveram e distribuíram as casas/espaços domésticos das primeiras ocupações de Lagoa de Fora, esse povoado rural nordestino, buscando ainda identificar os saberes e os afetos comunitários empregados nas técnicas construtivas vigentes para aquele tempo.

Ressaltamos aqui que, por se tratar de uma família sem os privilégios econômicos da elite, imigrantes de Jacobina, na Bahia e vivendo como pequenos produtores rurais, a história oficial não os incluiu entre aqueles personagens importantes na dinâmica de construção e manutenção de São Raimundo Nonato, e mais, da ocupação do sudeste do estado.

A história de sua chegada na região, no século XIX, é parte da memória oral e passada apenas entre as rodas de conversa e encontros particulares de quem compartilha ancestralmente daquelas histórias. A ocupação da família Negreiros na região é bastante expressiva, tanto em número, como em território ocupado. Assim como Serapião e Anna Rosalina se estabeleceram em Lagoa de Fora, zona rural de São Raimundo Nonato, o avô, pai de Serapião, Antonio Luis de Negreiros e seus irmãos, e posteriormente seus descendentes, assim o fizeram em outras áreas, por muitas vezes vizinhas, mantendo a vida como vaqueiros e pequenos produtores rurais.

A família se articula à história de muitas outras essenciais para a ocupação do Nordeste do Brasil e para seu desenvolvimento, mas sem privilégios, prestígio e recursos da elite, as suas lidas e labutas para criar filhos da terra, comida e água não foram escritas.

São com os trabalhos vindos da Arqueologia, da História e outras ciências sociais, interessadas em contar as histórias dos “comuns”, em compreender suas dinâmicas e concepções de mundo, que suas existências deixarão de ser invisibilizadas ou etiquetadas com epítetos e conceitos generalizantes e pouco expressivos da diversidade de experiências e conhecimento que guardam o sertão ou o semiárido.

### **O pano de fundo da prosa: as teorias e ideias que circulam em nós**

A Arqueologia do Presente/passado recente/passado contemporâneo surge como campo teórico simétrico quando lança mão de discussões que transcendem o campo da Etnoarqueologia tradicionalmente pensada, ao mesmo tempo faz surgir novas inquietudes sobre como as culturas, como a sociedade e o registro arqueológico são trabalhados, e, de certa forma, entendidos.

Gonzaléz-Ruibal (2006) ao propor uma abordagem que se preocupasse sobretudo com os questionamentos acerca da separação e por vezes oposição entre “coisas e pessoas”, “passado e presente”, foge das proposições de uma Arqueologia baseada e direcionada por “dualismos cartesianos exacerbados” “[...] proondo, agora uma maneira simétrica de raciocinar e agir [...] o que implica, entre outras coisas, que pessoas e coisas são construídas simultaneamente [...], não como entidades separadas e que passado e presente são realmente misturados” (Gonzaléz-Ruibal, 2006. p. 110, tradução nossa).

Segundo o autor, esse tipo de abordagem se consolida em uma arqueologia que se compromete com a “trama” envolta das pessoas vivas com as suas histórias e seus usos, na medida que:

[...] trabalha com comunidades vivas, ao admitir essa perspectiva de que a arqueologia do presente lida com pessoas ou “sociedades vivas”, estuda coletivos compostos por humanos, animais e coisas, investiga as texturas da vida cotidiana e avalia a natureza complexa do tempo, enveredado nas coisas e na paisagem (Gonzaléz-Ruibal, 2006, p. 122, tradução nossa).

Ao admitir que o campo da Arqueologia do Presente lida com sociedades vivas, Gonzaléz-Ruibal (2006) salienta que esse tipo de abordagem “[...] aceita que todo presente se encontra emaranhado com uma diversidade de passados que estão permeados no tempo” (Gonzaléz-Ruibal, 2006, p. 110).

A construção destas histórias e memórias, por esta perspectiva, se dá em interação constante entre diferentes categorias de existência, diferentes modos de ser no mundo e de construí-los através dos sentidos. A ontológica relação entre tempo-espacó, humanos e não humanos se dá na paisagem e com a paisagem: este macro artefato, constructo deste constante relacionar, interagir.

Segundo Ashmore e Knapp (1999), as paisagens vão além da dicotomia do pensamento cartesiano, no qual são antagônicos os entendimentos sobre natureza/cultura; paisagem/observador, uma vez que a paisagem é ela mesma uma entidade viva e complexa (Ashmore e Knapp, 1999, p. 9).

Ingold discorre sobre como se construiu a dicotomia entre natureza e cultura, e como essa oposição direcionou muitas das discussões no campo das ciências sociais, inserindo a paisagem como uma parte integrante nas interpretações. O enrijecimento conceitual e a separação opositora entre natureza e humanidade trazem implicações determinantes em termos conceitual-metodológicos que, em muitos casos, tende a fragmentar o contexto de pesquisa e

muitas vezes inviabilizar o estudo das relações que ali acontecem de uma forma mais integrada. O esforço de uma abordagem consciente desses limites visa entender a paisagem como processo. Tanto para os arqueólogos:

[...] quanto para o morador nativo, a paisagem conta – ou melhor, é – uma história. Abrange a vida e os tempos dos predecessores que, ao longo das gerações, nela transitaram e desempenharam o seu papel na sua formação. Perceber a paisagem é, portanto, realizar um ato de rememoração, e rememorar não é tanto evocar uma imagem interna, armazenada na mente, como se engajar perceptualmente com um ambiente que está preenchido do passado (Ingold, 1993, p. 152-153).

Bailão (2016) afirma que:

[...] Paisagens estão intimamente relacionadas à temporalidade; são histórias e nos oferecem modos de contar histórias mais profundas sobre o mundo. Mas “temporalidade” não se confunde com “cronologia”, sucessão regular de um tempo vazio e quantitativo, ou com a “História”, entendida como série variada de eventos qualitativos que nunca se repetem (Bailão, 2016, p. 1).

A paisagem não é, por consequência, algo que em sua gênese se encontra e que é dado de forma acabada, formatada e suficiente a si, mas se desenvolve com a manutenção dos dinamismos existentes entre humanos, não humanos e sua própria existência. Existência esta construída sobretudo pela lógica das experiências rotineiras e cotidianas nas quais distintos seres se entrelaçam a seus mundos envolventes e com eles estabelecem significados nas paisagens (Ingold, 1993).

Para o contexto da comunidade Lagoa de Fora, estudar as materialidades e suas tramas sob a ótica da Arqueologia do Presente é entender os processos de uma “sociedade viva”, capaz de manipular suas histórias, narrativas, e construir suas identidades, os processos históricos e sociais.

A paisagem de Lagoa de Fora é construída e formatada pela história da família Negreiros em suas chapadas, baixas, lagoas, cacimbas e barreiros. É a partir da chegada de Pai Pião em suas terras com Mãe Dona que a caatinga de seu território experencia a manipulação de seus barros, drenagens, pedras na conformação de um lugar em que as histórias e afetos familiares se delineiam, em que a vida das pessoas se produz e se reproduz em relação com o solo, com plantas, com os animais... É na e com a paisagem que se estabelecem as primeiras unidades domésticas, pertencentes aos herdeiros daqueles que fundam a comunidade às margens da lagoa que a nomeia.

Assim, na tentativa de compreender esse contexto, as metodologias adotadas, buscam inferir e compreender como, (e) a partir das unidades domésticas, se configuraram as primeiras ocupações da comunidade Lagoa de Fora ao longo do tempo e de sua formação histórica.

Para condução dessa pesquisa e visando atender os objetivos propostos, em amplitude que concerne toda a conjuntura de formação do território de Lagoa de Fora, a partir das unidades domésticas, adotou-se a utilização de metodologias como a Arqueologia Etnográfica, a realização de prospecções oportunísticas em colaboração com pesquisadores comunitários, a utilização da pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

Tais métodos foram utilizados por crermos que sem a comunidade, sem seus conhecimentos parte do que nos importa na Arqueologia, e em uma Arqueologia do Presente, sobretudo, se perderia. Vale ressaltar que os autores de formas distintas são parte da comunidade e a imersão no interesse de estudo é uma realidade cotidiana, e por vezes, prosaica.

Conceituando a pesquisa em etnografia arqueológica, alguns autores como Yannis Hamilakis (2011), definem esse campo como sendo:

[...] um campo transdisciplinar emergente [...] a etnografia arqueológica é aqui definida como um espaço transcultural de múltiplos encontros, conversas e intervenções, envolvendo investigadores de várias disciplinas e públicos diversos, centrado na materialidade e na temporalidade (Hamilakis, 2011, p. 399).

Com caráter emergente, e embasada em um modelo de Arqueologia menos colonialista, positivista e de cunho científico, a Arqueologia Etnográfica envereda- se por um campo, que segundo Hartemann e Moraes (2018) é de consolidação do protagonismo comunitário. Nesse sentido esse campo, muito associado a Arqueologia do Presente (González-Ruibal, 2006), se firma como um método que em suma se objetiva na relação direta com os objetos, encaminhando-se em uma perspectiva comunitária.

As narrativas dos colaboradores conduziram a identificação das áreas residenciais e às lógicas de manutenção das dinâmicas de deslocamento e fixação da família Negreiros na comunidade. Todos os interlocutores fazem parte do contexto de Lagoa de Fora, naturais desse lugar e residentes atualmente, no qual seguem transformando e ressignificando paisagens, lugares e espaços. Colaboraram com a pesquisa: Angélica Alves de Negreiros (54 anos)<sup>2</sup>, Inez Maria de Negreiros (68 anos), Antônio de Negreiros Paes (78 anos), Alzira Paes Landim 78 anos),

---

<sup>2</sup> Levantamento de idades dos colaboradores realizado no ano de 2023.

Bartolomeu Paes Landim (69 anos), João de Negreiros Sobrinho (76 anos), Maria Amélia de Negreiros Paes (71 anos), Maria Delza de Negreiros (64 anos), Agnelo Alves de Negreiros (69 anos), Berílio de Negreiros Paes (70 anos), descendentes de Serapião e Anna Rosalina.

Para além da etnografia arqueológica, interessada nas narrativas comunitárias sobre a fundação e desenvolvimento de Lagoa de Fora, adotou-se como recurso, a pesquisa documental. No caso do contexto pesquisado, utilizou-se a pesquisa nos arquivos e registros presentes na Cúria Diocesana da Catedral de São Raimundo Nonato, sendo analisados documentos como as certidões de casamento e batismo, além dos arquivos documentais presente no Laboratório de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Tal procedimento se deu a fim de buscar elementos que preenchessem lacunas das narrativas comunitárias, ajudando a construir uma história mesclada de informações documentais, memoriais e materiais.

### **Enredos da família Negreiros: de Jacobina (BA) à São Raimundo Nonato (PI)**

É no contexto de expansão da colonização tardia da região sudeste do Piauí que a família Negreiros passa a ocupar os territórios da então Vila de São Raimundo Nonato. Segundo narrativas do Padre José Herculano de Negreiros<sup>3</sup>, na segunda metade do século XIX a respectiva família, liderada por Manuel Felipe de Negreiros - avô de Serapião José de Negreiros – teria vindo de Jacobina, na Bahia, com seus filhos para São Raimundo Nonato. Entre os filhos, Antônio Luis de Negreiros, casado com Margarida Maria de Jesus, pais de Serapião. A família, com a ajuda do então coronel Manoel Rubens de Macêdo se estabelece na região denominada Junco<sup>4</sup> (Negreiros, 2014).

Sobre a configuração da Vila de São Raimundo, Oliveira, J. (2011), descreve como um contexto em que na segunda metade do século XIX se distribuía como “[...] uma pequena vila de cerca de quarentas casas, uma capela de taipa, um cemitério, alguns currais, chiqueiros e roças” (Viana, 2018, p. 27).

<sup>3</sup> Informação concedida durante entrevista para realização do vídeo-documentário: Naquele tempo: memórias Costuradas da Lagoa de Fora, produzidas no âmbito do projeto História, Memórias, Seres e Coisas: uma biografia do povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí.

<sup>4</sup> No inventário de Antônio Luis de Negreiros (Pai de Serapião) datado de 10 de setembro de 1903, esse determinado lugar aparece nos respectivos documentos como “logar Junco”.

Essa distribuição ou melhor redistribuição pelas áreas subjacentes do território, fez com que a população na área central da vila fosse pouco expressiva numericamente, prevalecendo o rural sobre o urbano. Sobre isso, Viana (2018), argumenta que no final do século XIX, no ano de:

[...] 1884, em vista das informações fornecidas pela Câmara Municipal, residiam, na sede do município, aproximadamente 500 pessoas. Embora os dados apresentados não sejam fruto de censo ou arrolamento da população e trate-se de estimativa feita pelos vereadores ao governo provincial, eles demonstram que a sede da vila era pequena e, mesmo com o aumento da população registrado entre as quase duas décadas que separam 1866 e 1884, a população urbana era reduzida em comparação com a população residente na zona rural (Viana, 2018, p. 33).

Com isso, percebe-se a inserção de Serapião e sua família em um contexto essencialmente rural, caracterizado pela atuação em outras áreas que não na sede do poder, e suas jurisdições urbanas.

Com o estabelecimento inicial na Vila São Raimundo Nonato, Serapião, juntamente com a sua família, segundo as narrativas, constitui-se como um criador de animais, como por exemplo, o gado bovino, seja para cortes e derivados do leite.

Em certo dia, ele, Serapião, sai a procura de um animal perdido, e com o hábito sertanejo e comum dos contextos rurais, percorre vastas regiões e lugares, campeando pelas proximidades e adjacências do que na atualidade se comprehende como (município) de São Raimundo Nonato.

As narrativas apontam que, Serapião, ao deparar-se com os potenciais recursos desse lugar que denominou de uma lagoa “Às fora”, escolheram ser esse o local da sua fixação e começo da geração da família Negreiros e da comunidade da Lagoa de Fora.

Conhecida oficialmente (levando em consideração a documentação catalogada) como “*Chapada da Lagôa de Fora*” e/ou “*Lagôa de Fora*”, foi ao longo de tempo e como produto dele, sofrendo novas reformulações, sendo atualmente mais conhecida como Comunidade/povoado/localidade Lagoa de Fora. No contexto de Serapião e sua família, esse território comprehendia e pertencia a “*Fazenda Genipapo*”<sup>5</sup>, assim como consta nos documentos (inventários do séc. XIX e XX) analisados e presentes no Laboratório de História da Universidade Estadual do Piauí.

<sup>5</sup> Através da Lei Provincial nº 35, datada de 27 de agosto de 1836, ocorre nesse respectivo ano a transferência da sede da vila de São Raimundo (anteriormente localizada em “Confusões”) para a “Fazenda Genipapo”. (Viana, 2018).

Serapião fixa-se na porção próxima a lagoa (que nomeia a comunidade), em média vertente, muito favorecido pelos recursos hídricos, haja visto ser uma lagoa que em estações chuvosas se armazena água por tempo determinado ao longo do ano. Como é característico da ocupação do semiárido, áreas de concentração de água são sempre áreas de relevância socioambiental.

Nesse sentido, a escolha de estabelecer-se na Lagoa de Fora é materialização estratégica e que a curto, médio e longo prazo, fornece a família Negreiros condições paisagísticas para agricultura, agropecuária e para o cotidiano familiar de um modo geral. Isso se materializa em um modo de vida marcado pela relação com a terra, as águas e os seres. Veremos que com o passar dos anos a ocupação territorial de Lagoa de Fora se dá a partir da herança inicial de Serapião e Anna Rosalina, que distribui terras, recursos e técnicas aos seus herdeiros.

Com as dinâmicas de assentamento nessa região, Serapião José de Negreiros e sua esposa Anna Rosalina das Virgens, conhecida popularmente como “Mãe/Sinhá Dona”, constituem família, para qual oficializam matrimônio no dia 05 de novembro de 1893 (informação contida no caderno de certidões de casamento nº 6 nas fls. 3-4, presentes na Cúria Diocesana de São Raimundo Nonato), na então recente igreja Matriz de São Raimundo Nonato, cuja data de construção se dá em 1876, edificação essa que simbolizava os avanços (mesmo que lentos) de um ideal de progresso, marcados pela sua imponência frente a outras edificações.

Serapião e Anna Rosalina, constituíram uma família numerosa, chegando ao todo em uma prole de quatorze filhos, sendo eles: **Aquilina Virgem da Conceição**, **Bruno José de Negreiros**, **Cornélio José de Negreiros**, Elisa Virgem da Conceição, Filomena Virgem da Conceição, Joana Virgem da Conceição, **Joana Batista da Conceição**, **João Gualberto de Negreiros**, **Marcelino José de Negreiros**, Maria Virgem da Conceição, **Petronília Virgem de Negreiros**, Silvestre José de Negreiros e **Ursulino José de Negreiros** e Sabina, falecida ainda nova e para a qual não encontramos registro. Desse quantitativo de filhos, somente oito deles (**destacados em negrito**) se estabeleceram e fixaram residência na comunidade, após enlaces e arranjos matrimoniais.

Os quantitativo restantes de filhos espalharam-se pelas circunvizinhanças da Comunidade, como a Queimadinha, Junco, fazenda Cavaleiro, Veados. É relevante dizer que esse quantitativo de filhos é com relação ao quantitativo que no ato da morte e produção do inventário deixaram descendentes ou mesmo os titulares estavam vivos na época, sendo assim, Serapião e Anna, tiveram segundo as narrativas quatorze filhos, sendo Sabina Virgem da Conceição, falecida quando criança, não deixando descendentes, por isso sua ausência na documentação histórica.

No inventário *post-mortem* de Serapião, datado de 22 de março de 1953 é possível perceber a relação dos bens deixados por ele após sua morte em 1952 no qual estipula o quantitativo de terras - glebas – presente em seu espólio. Nesse material é notável a existência de cacimbas, casa de farinha, e a sua própria residência, elementos esses que corroboram com as narrativas locais, servindo de contextualização de como se configurava a distribuição de terras, elementos arquitetônicos, paisagísticos.

Apesar de uma vida rural sobre muitos aspectos, tudo indica que as relações com o centro urbano, mesmo que pequeno, aconteciam. Seja para a ida à igreja, ou ao comércio. Indicam esta relação também documento oficial (Diário Oficial da União)<sup>6</sup> em que Serapião aparece nomeado alferes do 158º Batalhão da Infantaria na Comarca de São Raimundo Nonato, em 28 de maio de 1910, tendo sua nomeação oficializada dois anos antes da elevação da Vila São Raimundo em município. Pelo cruzamento de datas, Serapião possuía cerca de 39 anos de idade quando foi nomeado ao Batalhão da Infantaria, servido a função acima descrita.

Mas nas narrativas e enlaces das memórias comunitárias, Serapião era mesmo criador de gado, sendo considerado um confeccionador dos lugares e paisagens, manipulando além disso, a extração dos recursos e derivados da mandioca que beneficiava em cômodo próximo à sua casa, caracterizado esse espaço como “[...] uma casinha aberta, para montagem de oficina de beneficiar mandioca [...] tendo roda, cefador, forno e prensa”<sup>7</sup>.

Serapião é ainda lembrado como “sabedor” da medicina, manipulando ervas e plantas nativas da região, como por exemplo, a babosa no preparo dos seus xaropes e chás, conhecidos como “inguentos”. Essas garrafadas, foram descritas pelas narrativas como uma maneira pela qual Serapião utilizava-se para tratar diversas mazelas, como gripes, resfriados, problemas intestinais, e variadas possibilidades, mantendo presente essa prática por longos anos. Por estes conhecimentos, parece ter a família abrigado muitos enfermos em sua casa, os quais eram tratados com as garrafadas, chás e orações.

<sup>6</sup> Diário Oficial da União: seção 1, [Brasília], pág. 12. Acesso em: 15 de mai. 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1683688/pg-12-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-28-05-1910/pdfView>.

<sup>7</sup> Informações contidas do inventário de Serapião José de Negreiros, de inventariante a senhora Ana Virgem da Conceição, documento datado do século XX (22 de março de 1953), presente nos arquivos do Laboratório de História (LABHIST) da UESPI (Universidade Estadual do Piauí).

Seu falecimento, assim como consta nos inventários do século XX, se dá no dia 1 de junho de 1952 aos 81 anos de idade. Anna Rosalina ainda permaneceu alguns anos em vida, cujos últimos já se deu na casa de uma de suas filhas, com moradia em outra margem da lagoa.

A partir das suas existências na região, novas configurações são dadas a esse lugar, no qual Serapião e sua família construíram paisagem, desenvolvendo dinâmicas de deslocamento, mecanismos para manutenção da sua presença nesse território. No que compete a sua residência (espaço doméstico), segundo os documentos oficiais, esse espaço doméstico se constituía em “[...] uma casa de taipa, com três vãos, coberta de telhas, com uma porta e duas janelas de frente, construção própria”<sup>8</sup>.

Na atualidade, na área da casa de Pai Pião e Mãe Dona, é possível identificar materiais e elementos de sua ocupação, que ajudam a compor a história de formação da família Negreiros em Lagoa de Fora, assim como características para se compreender aspectos do povoamento da cidade de São Raimundo Nonato.

No terreno onde consistiu a habitação desse núcleo familiar, hoje também conhecido como Sítio Arqueológico Casa de Serapião, é possível perceber a presença de materiais de uso doméstico, fragmentos de cerâmica utilitária, fragmentos de louças, entre outras tipologias, como materiais metálicos, vítreos, assim como partes estruturais da sua unidade doméstica (a antiga calçada que bordeava a casa e alguns montículos dos desmanches das paredes), e que vêm sendo abordados em outras investigações da pesquisa.

O território na atualidade corresponde a uma comunidade que se desenvolveu espacialmente e demograficamente a partir da casa de Pai Pião e Mãe Dona, atingindo segundo estimativas, cerca de 150 unidades domésticas<sup>9</sup>, espalhadas pelos “bairros”<sup>10</sup> ou subdivisões da comunidade, sendo esses: Centro, Lagoa de Cima, Lagoa do Meio, Paturi, Baixa, Chapadinha dos Cajus, Recanto e Pedra Vermelha.

Relevante dizer, na conformação das relações e da paisagem da comunidade, é que somente a partir dos anos 2000 que chegam para fazer parte de sua história pessoas não relacionadas aos

<sup>8</sup> Informações contidas do inventário de Serapião José de Negreiros, de inventariante a senhora Ana Virgem da Conceição, documento datado do século XX (22 de março de 1953), presente nos arquivos do Laboratório de História (LABHIST) da UESPI (Universidade Estadual do Piauí).

<sup>9</sup> Esse quantitativo em números de unidades domésticas, foram obtidos seguindo análises espaciais da comunidade (via Google Earth), de acordo com a arbitrariedade dos autores da referida pesquisa, que estabelecem com critérios próprios tais inferências.

<sup>10</sup> Esses “bairros” constituem-se como uma forma de localização geográfica amplamente aceita pelos moradores da comunidade, sendo por eles escolhidos e seguidos, com características próprias de diferenciação de cada área e delimitação dos limites.

seus fundadores, Serapião e Anna. Até este momento, e ainda hoje de forma preponderante, a comunidade era toda formada por descendentes de Pai Pião e Mãe Dona. Importante também dizer, que os laços matrimoniais estabelecidos na comunidade parecem priorizar os casamentos endogâmicos, com membros da própria família – casamentos entre primos. Estas questões dão a tônica de uma comunidade estabelecida e mantida ao longo do tempo por laços de consanguinidade.

A paisagem da comunidade Lagoa de Fora, assim como apontado por Ingold (1993), carrega em seu íntimo as transformações vividas e sentidas por seres e coisas, onde os fluxos de contínuas modificações são alimentadas pelos intensos e conectados processos de aprendizados, experiênciação com o mundo a sua volta. De um modo geral a concatenação de escolhas e relações que vão sendo estabelecidas conforme a região vai sendo ocupada constrói possibilidades: ficar, dormir, construir, plantar, caçar, criar, parir, curar, morrer. O sertão e o sertanejo se criam.

### **De onde partem as histórias – síntese das primeiras habitações da paisagem de Lagoa de Fora a partir da etnografia arqueológica**

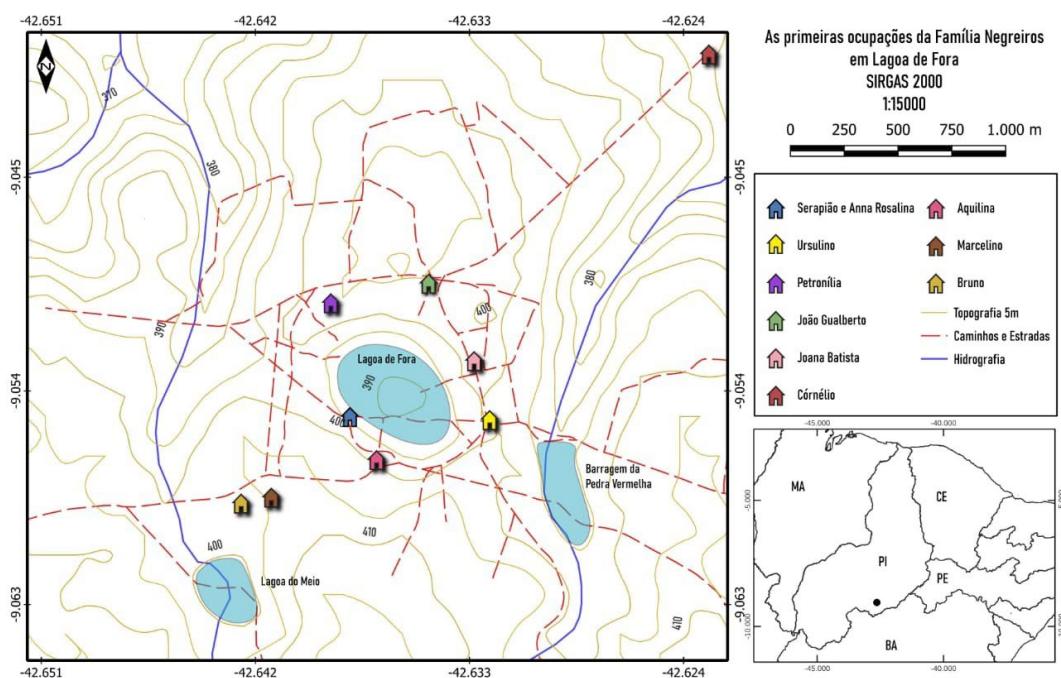
As casas em Lagoa de Fora sob a perspectiva dos “*filhos da terra*”, demonstram como esse território se forjou ao longo dos anos, e como essa configuração espacial se consolidou na figura de Serapião José de Negreiros.

De seus filhos, oito deles fixaram residência em Lagoa de Fora, ocupando porções em torno da margem da lagoa que dá nome à comunidade, em área entre esta e a Lagoa de Meio, às margens desta e em uma área mais afastada, mas também próxima a drenagem propicia para obtenção de água ao longo do ano. O manejo com o solo se firma na medida que sua gênese se estrutura na gerência dos recursos hídricos, e como a seca e os períodos de estiagem influenciaram/influenciam as dinâmicas de lida e trato com a terra. São nas ações e nos desenvolvimentos de novas estratégias que se estruturam as configurações dessa paisagem.

Paes (2022) nos mostra que na comunidade as estratégias de obtenção de água ao longo dos anos envolve os núcleos familiares que acionam técnicas de se criar água (Leal *et al.*, 2023), que dividem com seus parentes, que ajudam a construir e/ou cuidar seja do barreiro, seja da cacimba, do caldeirão... Há uma tendência de se criar água em terrenos mais próximos de casa, por um sentido de praticidade mesmo, e desta forma pessoas e água se avizinharam e se fundem

nas relações familiares que permitem a partilha e a reprodução. A ocupação da região e o estabelecimento da família na área tece tramas, que relacionam os familiares, a terra, os meios de produção e reprodução da vida, que são constituídas na experiência, na vivência.

As unidades domésticas assim trabalhadas na pesquisa, como dito são as de Aquilina Virgem da Conceição, Bruno José de Negreiros, Cornélio José de Negreiros, Joana Batista da Conceição, João Gualberto de Negreiros, Marcelino José de Negreiros, Petronília Virgem de Negreiros, Ursulino José de Negreiros, tomando como partida conhecida para a análise, o Sítio Arqueológico Casa de Serapião, patrimônio comunitário conhecido (Figura 1).



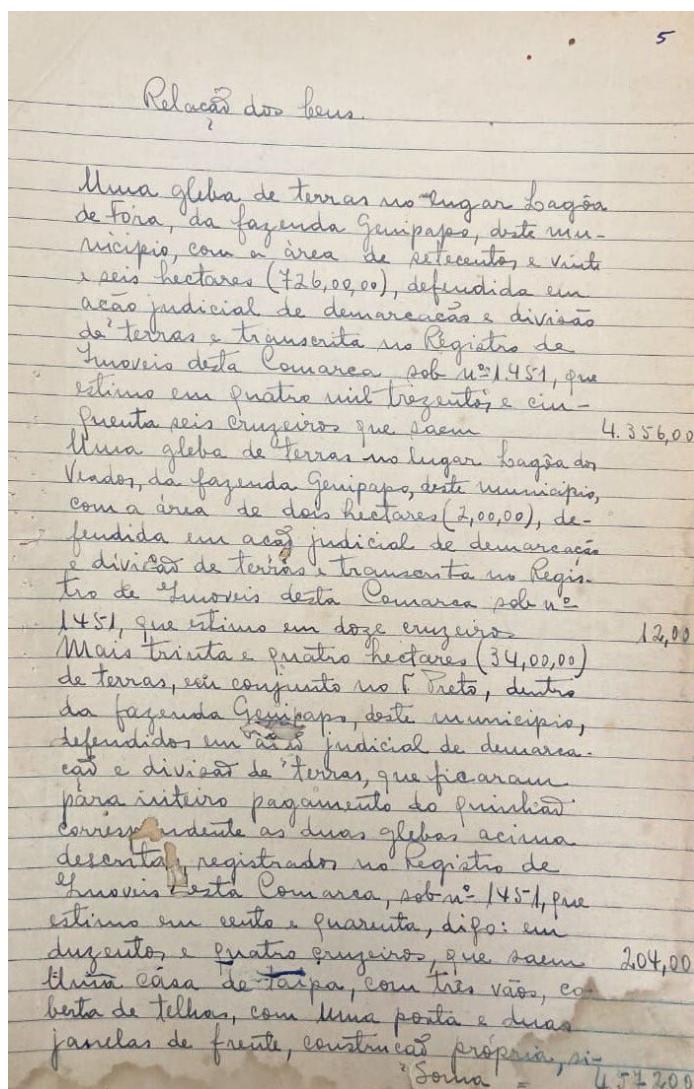
**Figura 1:** Mapa de localização de distribuição das unidades domésticas dos primeiros descendentes de Serapião e Anna Rosalina em Lagoa de Fora. Fonte: Henrique Alcantara e Silva (2024).

Amparados pelas narrativas acerca das unidades domésticas, temos algumas vozes que vibram nesse processo. Todos os colaboradores são residentes desse contexto, manifestantes de lembranças, memórias, afetos, afeições e vivências sobre a comunidade. As descrições detalhadas de cada uma das unidades domésticas, suas narrativas e materialidades visíveis ainda na área em que se situam, podem ser vistas em detalhe no trabalho monográfico de Nailton Negreiros Ribeiro (Ribeiro, 2023).

A partir dos resultados elencados e construídos mediante a pesquisa, consideramos possível a atribuição de certos elementos presentes nas unidades domésticas a padrões de ocupação em

áreas rurais da cidade de São Raimundo Nonato, região sudeste do Piauí, no contexto do século XIX e XX.

Os dados obtidos e analisados inferem a existência de características arquitetônicas vernaculares e de distribuição das casas/espaços/unidades domésticas no território da comunidade Lagoa de Fora. Os espaços, particulares em si, verbalizam e externalizam técnicas construtivas repassadas de geração em geração, de padrões e dinâmicas de assentamento próximos à figura patriarcal de Serapião. A habitação de Serapião, foi construída nesse modelo vernacular, com técnicas herdadas e repassadas. Podemos compreender e tecer informações, mediante a descrição da sua unidade doméstica, presente em seu inventário *post-mortem* (Figura 2).



**Figura 2:** Relação de bens deixados por Serapião José de Negreiros. Fonte: Laboratório de História da UESPI.

De acordo com Silva (1994 *apud* Lima, 2010, p. 4), a arquitetura vernácula seria uma “[...] arquitetura sem arquitetos, anônima, também denominada de espontânea ou popular. Mais que isso, revela e apresenta-se como uma arquitetura autóctone, com expressiva identidade e resultante de uma produção coletiva de trabalho”. Na perspectiva da distribuição de terras e bens materiais, Serapião deixa em herança para seus filhos e filhas (via inventário), em Lagoa de Fora, cerca de “setecentos e vinte e seis hectares”. Esse dado é de suma importância para inferir a distribuição geográfica e ocupacional dessa região.

De grandes dimensões foram as áreas deixadas em herança por Serapião, assim percebe-se como se desenhou ao longo do tempo as distribuições das terras e habitações em Lagoa de Fora. Com expressiva abrangência de terras da comunidade, seus filhos e filhas se estabeleceram nas proximidades de Serapião e Anna Rosalina, e dos recursos hídricos, como as lagoas, os barreiros e cacimbas, exceto Cornélio José de Negreiros, que estabelece habitação no bairro Baixa, em área mais afastada, mas ainda em terras da família e próximo a curso d’água.

Assim como em outras realidades de comunidades rurais tradicionais (Nascimento, 2011), em Lagoa de Fora entendemos que é a partir dos espaços domésticos, como eles se constituem, que são postos os processos transformacionais do território. E é por meio deles que se consolidam as apropriações das áreas, e como elas em seu conjunto geral integram o todo, registrando tempos na paisagem.

Conforme consta nos documentos oficiais presentes nos inventários do século XIX e XX, sobre a casa de Serapião José de Negreiros, é possível inferir sobre padrões vernaculares presentes na gênese da comunidade e que são presentes nas narrativas comunitárias sobre as construções e suas técnicas.

Esses padrões, são apresentados, como por exemplo a utilização da técnica da taipa de mão empregada na construção da casa de Serapião, descrita como em “três vãos”, terminologias que se aplicam e se percebem nas narrativas orais da comunidade, como um modelo de distribuição dos cômodos similar a dos seus respectivos filhos.

Pelo fato de serem construções que na sua essência se baseiam nas relações das pessoas com o ambiente e com o regionalismo, desenvolve-se como uma “[...] forma de compreensão de dinâmicas, já que [...] essa *tecnologia* se constrói através dos engajamentos em diferentes níveis desses processos construtos” (Glassie, 1990, *apud* Souza, 2020, p. 19, itálico do autor).

Esses processos construtivos fazem da arquitetura vernacular um aspecto social e que revela as dinâmicas culturais, espaciais, arquitetônicas, sendo essa arquitetura um contraponto que em suma se tornaria o “[...] reflexo das próprias pessoas comuns” (Takamatsu, 2013, p. 20).

Desde a época de Serapião, até seus filhos e filhas, a técnica vernacular inicial de construção das casas foi a taipa de mão, com a utilização de recursos naturais para sua elaboração, como o barro, madeira, fibras de caroá, o aproveitamento das varetas de madeira. Essa técnica se configura enquanto técnicas produzidas com matérias primas obtidas e transformadas nos fundos de quintais, como barro, utilizado no preenchimento da parede e para confecção de tijolos de adobe.

Quanto as técnicas de construção vemos Alzira Paes Landim e Maria Delza de Negreiros narrar como eram as casas de seus ascendentes:

[...] a casa, no tempo velho era feita de taipa... de madeira, que arodiava de enchimento de pau [...] amarrado de vara e enchedo somente de barro... todo de barro, e reboca do jeito que quisesse por dentro, por fora não (Alzira Paes, 2023, Informação verbal)<sup>11</sup>.

[...] essas paredes eram tudo de taipa, as forquilhona, os pauzões... mas era tudo rebocadinho... tudo direitinho (Maria Delza, 2023, Informação Verbal).

Nas narrativas memoriais do Senhor Berílio de Negreiros Paes, por exemplo, esse modelo de construção amplamente aceito e seguido se constituía de forma comum a esse contexto, e de fácil reprodução por todos da comunidade, por ser um modelo de habitação “simples” e de fácil propagação.

As técnicas construtivas, ao longo dos anos na comunidade, como se pode imaginar, não ficaram estáticas no tempo, tendo sido tanto quanto inventadas e/ou assimiladas quanto ressignificadas. Como em outras regiões do Brasil e muitas áreas rurais, a taipa foi progressivamente sendo substituída pelos tijolos de adobe, antes utilizados apenas nos fornos de farinha. E, à medida dos recursos financeiros combinada a inserção deles no mercado, os tijolos industriais (tijolo furado e tijolo de concreto) passam a protagonizar nas paredes das casas, sendo hoje a escolha majoritária das gerações que hoje ocupam a Lagoa de Fora.

A mudança na técnica construtiva no contexto das primeiras unidades domésticas é visível na casa de João Gualberto de Negreiros, ainda edificada, em que se nota:

---

<sup>11</sup> Entrevista cedida por Alzira Paes Landim e Bartolomeu Paes Landim, em 24 de maio de 2023.

[...] a casa era diferente [...] [de como se encontra na atualidade] a mamãe contava que era somente um quarto e só uma áreazinha aberta... e depois foi crescendo, aumentando, conforme as condições (Maria Delza, 2023, Informação verbal).

A casa, assim, foi ganhando novos traçados a partir das necessidades e disponibilidade de recurso. Maria Delza, salienta que a passagem do modo construtivo em taipa de mão para os tijolos de adobe, dos quais ainda há paredes erguidas e em função, se deu em razão de processos econômicos, e que seguiam a mesma lógica de obtenção de matéria prima que era submetida para a taipa, sendo descrita como áreas adjacentes à casa.

Estruturalmente, as casas, além de não possuírem laje ou forro, não possuem paredes que se estendem até o telhado – como se o espaço para uma futura laje ou forro estivesse ali reservado, embora nunca de fato utilizado. Ainda hoje, nas casas da terceira, quarta geração, este é o modelo mantido, mesmo quando há recursos financeiros que poderiam ser ali despendidos (Figura 3).



**Figura 3:** Modelo de construção de paredes em Lagoa de Fora. Fonte: Ribeiro (2023).

Vimos essa maneira de construir na casa de João Gualberto de Negreiros, a única habitação ainda erguida de todos os filhos e filhas de Serapião e Anna Rosalina e se mantém em uso, mesmo que distinto do original – visto que após a morte de Joana Maria de Negreiros, conhecida por “Tia/dona Nanzinha”, esposa de João Gualberto de Negreiros, suas filhas mantiveram a casa e seu jardim como um memorial, museu familiar.

Em relação a espacialidade e distribuição dos cômodos, as narrativas memoriais das primeiras habitações colocam em evidência um padrão na quantidade de cômodos, que se soma, em todas ou quase todas as casas, cerca de duas salas, geralmente de padrões grandes, dois quartos, uma cozinha ao final do traçado da casa e a existência de uma despensa. Os cômodos, em sua maioria de piso de barro batido e, por vezes a sala recebia piso ladrilhado de produção regional.

Como fundamental à reprodução da vida doméstica da família Negreiros em Lagoa de Fora, as narrativas apontam para a existência de estruturas comuns às habitações: o paoeiro para armazenamento da farinha de mandioca, a casa de farinha, os espaços das criações (galinhas, porcos, bodes, ovelhas...). São nesses espaços, apontados como comuns às unidades domésticas, em que se configuraram parte importante das dinâmicas familiares, e de experiência do cotidiano.

Importante dizer que apenas uma parte da lida com algumas criações acontece nos terreiros, sua maior parte acontece nas dinâmicas dos pastos abertos, utilizados coletivamente por vários criadores. Na comunidade são percebidas redes de trocas nas relações que conectam os seres, é pelo compartilhamento dos pastos, os fundos dos pastos que as criações de animais a solta se consolidam. Os “sinais” empregados nos animais mantém vivas essas redes relacionais, que movem parentescos, e possibilita a distinção fácil para quem “labuta” (Acha, 2016; Zambrini, 2016). O laboro e a criação a solta permanece a tempos nas dinâmicas de ocupação e transformação do território, mesmo que ao passar dos anos sua presença se enfraqueça.

Vale Ressaltar que em nenhuma unidade doméstica se reconheceu nas narrativas a existência de compartimentos como os banheiros, dentro dos espaços físicos da casa, ficando suas funções a cargo dos terreiros.

Com os terreiros e quintais, as casas (espaço doméstico) e as casas de farinha permeavam as dinâmicas domésticas, assim com salienta Nascimento (2011, p. 88). “O terreno é como uma extensão da casa” (Nascimento, 2011, p. 93). São espaços sociáveis e de transição entre áreas e que abrigam em si funções e atividades particulares e articuláveis entre si.

É com os quintais que as narrativas nos conduzem para as plantações, às hortas, à lida com algumas criações, e aos fundos de quintais, os ditos “monturos” que as plantações de milho se desenvolvem. Cabe aqui chamar atenção ainda para este aspecto dos espaços domésticos nos quais são descartadas as coisas cujos sentidos e utilidades se perderam: os quintais e os terreiros.

São também neles que hoje encontramos os vestígios materiais do uso cotidiano que ali foram deixados, como fragmentos de louça, vidro e de cerâmicas de barro. São neles também que foram identificadas com prospecções oportunísticas e caminhamentos os vestígios dos materiais construtivos, pés de frutas e árvores que compunham as primeiras unidades domésticas (Figura 4).



**Figura 4:** Material arqueológico evidenciado nas prospecções. Fonte: Ribeiro (2023).

As casas de farinha reverberam como áreas que carregam todas as características transformacionais dos modos de vidas, e como esses núcleos familiares geriam as subsistências baseadas assim na extração dos derivados da mandioca, como a farinha de mandioca, tapioca, borra de farinha. (Figura 5).



**Figura 5:** Casa de Farinha comunitária de Lagoa de Fora, local onde era a casa de Ursulino José de Negreiros. Fonte: Ribeiro (2023).

É por meio das materialidades envolvidas que se percebem os elementos comuns aos contextos de ocupação regional, sejam dos fornos a lenha e suas técnicas de produção (tijolos de adobe e trempe de pedra micaxisto) de fabricação familiar e local, sejam de sua distribuição espacial, bem próximos das casas, além das materialidades que versavam entre si, como as cochas de madeira e os alguidares de barro.

[...] a casa de farinha era do lado da dispensa [...] os paus eram encostados da parede da casa (Alzira Paes e Bartolomeu Paes, 2023, Informação Verbal).

Quanto ao pão de farinha, presente em cada unidade doméstica e associado ao beneficiamento da mandioca, as narrativas dos colaboradores permitem tangermos essa materialidade e a relevância do mesmo nos processos de reprodução da vida familiar rural e da subsistência:

[...] Naquele tempo a gente fazia aquele paiozão de farinha [...] o pão era de tábuas de umburana de cheiro [...] era quase o tamanho do quarto, as taboas colocadas umas em cima das outras, apregadas, fichadas, que ficavam um bauzão [...] aí era só fazer a farinha e jogar dentro. (Alzira Paes e Bartolomeu Paes, 2023, Informação Verbal).

[...] O papai fazia muita farinha; não tinha vasilha que coubesse, era no quarto [...] que agora a gente coloca o fogão, mas era de colocar a farinha, um quarto pequeno... uma ‘éra’, uma ‘érazinha’... era um quarto pequeno, mas era bem rebocadinho que ele colocava a farinha [...] que era de porta partida [...] e ia jogando a farinha, jogando a farinha, até que enchia [...] um quartinho só pra isso, ninguém pisava dentro [...] jogava por cima da parede (Maria Delza e Maria Amélia, 2023, Informação verbal).

As casas de farinha são espaços intrínsecos nas dinâmicas internas das casas e consolidam-se como um dispositivo importante de subsistência. As narrativas memoriais colocam esse espaço como sendo de fundamental entrelaçamento entre os agentes sociais com o respectivo espaço, as relações sociais são fortemente construídas e mantidas. As labutas e labores com as raízes da mandioca em tempo de colheita, fortalecem memórias, geram subsistência e produzem mais que materialidades, mas conduzem a vínculos socioafetivos.

O sr. Berílio de Negreiros Paes, em suas narrativas salienta que no seu tempo e dos seus avós, as casas de farinha eram espaços íntimos dos núcleos familiares, e que por ser “comum” a todas as habitações desse contexto, eram pouco frequentes as farinhadas coletivas e o manuseio da mandioca. Esta era uma atividade em que cada família produzia, individualmente seus derivados da mandioca. Dessa forma, as relações afetivas na grande maioria se construíam nos núcleos familiares, mas, o senhor, Berílio, argumenta a existência de uma sociabilidade, representada pelo compartilhamento e troca de produtos derivados da mandioca, assim, quando algum núcleo familiar, por escassez de produto, havia em certos momentos esse compartilhamento entre membros da comunidade.

Contudo, as casas de farinha de cada família foram sendo desativadas, desmanchadas e a atividade passou por mudanças em suas dinâmicas ao longo dos anos, devido diversas questões sociais, econômicas, e sobretudo hídricas e climáticas, que dificultam a produção desse tubérculo. Em consequência desse desaparecimento, na década de 1980 foi instalada a casa de

farinha comunitária, localizada “nos barros<sup>12</sup>” da casa de Ursulino José de Negreiros, um dos filhos de Serapião José de Negreiros e Anna Rosalina das Virgens, construída com recursos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Raimundo Nonato, e com mão de obra/trabalho comunitário.

Quanto às materialidades dessas unidades domésticas dos filhos e filhas de Serapião e Anna Rosalina, vestígios destas ocupações na comunidade, em cada uma delas foi possível identificar materialidades concernentes as suas dinâmicas, sejam os acúmulos de barro das paredes intemperizadas e desmanchadas, bem como fragmentos de louça, vidro, cerâmica e metal espalhados pelos quintais e terreiros.

De maneira sintética, as estruturas e atividades observadas, bem como a materialidade dispersa ainda na área, pode ser comparada por unidade doméstica no quadro que se segue:

**Quadro 1:** Síntese dos dados das unidades domésticas em Lagoa de Fora. Fonte: Adaptado de Ribeiro (2023).

Unidade doméstica	Casa de farinha	Paiol	Taipa de mão (casa e casa de farinha)	Plantações	Curral	Materialidades
Aquilina Virgem da Conceição	X	X	X	Feijão, milho, mandioca, abóbora	X	Montículos, Fragmentos de telhas, tijolos, objetos metálicos, pedra de fumo.
Bruno José de Negreiros	X	-	X	Feijão, milho, mandioca	X	Montículos, árvores, fragmento de vasilha cerâmica, louças, vidros, objetos metálicos.
Cornélio José de Negreiros	X	-	X	Mandioca, feijão, milho	X	Fragmentos de telhas, tijolos de adobe.
Marcelino José de Negreiros	X	-	X	Mandioca, feijão, milho	X	Montículos, fragmentos de telha, e de tijolos de adobe, fragmentos de pedra de forno.

<sup>12</sup> Expressão regional, que expressa “nos barros”, em alusão a um determinado lugar/espaço que um dia, em um dado tempo, foi erguida uma casa/habitação, sendo sobrepostas ou não por outras construções ao longo do tempo, e que como produto do tempo foi sendo desconfigurada de sua feição original.

Petronília Virgem da Conceição	X	X	X	Mandioca, caju, manga, banana, feijão, milho	X	Montículos, fragmentos de telha e de tijolos, fragmentos de vasilha cerâmica, fragmentos de louças, fragmentos de ferramentas metálicas, vidro.
João Gualberto de Negreiros	X	X	X	Banana, mandioca, feijão	X	A casa ainda está ativa e em funcionamento como espaço memorial e familiar.
Joana Batista da Conceição	X	-	X	Feijão, milho, mandioca, coentro, abóbora, amendoim, maxixe, batata	X	Materiais construtivos (telha e tijolo), restos do alicerce, mão de pilão, louças, vidro, objetos metálicos.
Ursulino José de Negreiros	X	-	X	Mandioca, feijão, milho	X	Na área exata da casa hoje funciona a casa de farinha comunitária de Lagoa de Fora.

### Arrematando a prosa

As unidades domésticas constituem um “[...] espaço físico e simbólico que reflete e orienta a vida em grupo, além da educação, família, crenças. A casa faz parte da formação da pessoa dentro da sociedade, em síntese uma forma de comunicação do ser com o espaço” (Teixeira e Salcedo, 2019, p. 2).

As edificações/construções, como as casas (espaços domésticos), casas de farinhas e demais estruturas, configuram-se como características da arquitetura vernacular, expressando com isso particularidades do modo de vida regional e escolhas arquitetônicas locais, adaptadas às dinâmicas de ocupação de Lagoa de Fora e, que em sua lógica carrega uma “[...] qualidade aditiva, ou seja, não está totalmente encerrada após a sua construção, podendo ser modificada de acordo com a necessidade de cada família ou condições geográficas” (Maia, 2022, p. 24-25).

As construções vernaculares, mais especificamente as casas sertanejas, sobretudo as do nordeste brasileiro, são edificações que na maioria das vezes são conhecidas por:

[...] casa de pau-a-pique ou casa de barro elas possuem uma íntima história ligada com o povo nordestino do sertão do Brasil, tornando-se não só uma construção funcional para o bioma da caatinga como também uma preservação física da memória do povo do Sertão (Silva e Alencar, 2019, p. 3).

Essa lógica construtiva e de ocupação territorial a partir de uma ótica regionalizada aponta, nos contextos específicos, como a vida cotidiana nordestina traz muitas semelhanças no modo de existência, ao mesmo tempo que cada uma traz suas especificidades e maneiras de ocupar o mundo.

A paisagem histórica de Lagoa de Fora é marcada pela chegada de Serapião e Anna Rosalina, que ali construíram a primeira habitação da comunidade e constituíram sua família. É na relação entre a família e terra, no sentido de patrimônio familiar e da subsistência, que a comunidade se desenvolve. A partir dos matrimônios dos filhos do casal fundador da comunidade, novas unidades domésticas foram edificadas, novos espaços ressignificados ao longo do tempo.

As relações familiares existentes e mantidas no compartilhamento do território da comunidade estruturam os usos da paisagem, cujas habitações tendem a se organizar próximas aos cursos d'água, que são familiarmente e comunitariamente geridos em Lagoa de Fora.

Como nos contextos nos quais González-Ruibal (2008) pauta suas premissas, “[...] Casas, tumbas, cerâmicas, machados, celeiros e enxadas são muito mais que meros índices sociais: são partes fundamentais e inseparáveis da vida da gente” (González-Ruibal, 2008, p. 20, tradução nossa).

Historicamente, áreas de cacimbas, barreiros e pastos tendem a ser compartilhadas, divididos os seus usos pela consanguinidade e pelo trabalho. Na escolha dos locais de moradia e atividades do trabalho com a terra, parece ter sido acionados os afetos familiares e ainda um conhecimento construído de forma ancestral através das relações estabelecidas com os demais seres que ocupam o território, como as árvores, as “minações de água”, os barros, os animais.

A pesquisa tem aporte teóricos e metodológicos que corroboram com a história do povoamento de áreas rurais em contextos piauienses e de semiárido, onde buscou escutar e construir uma narrativa em colaboração com atores sociais que historicamente são silenciados pelas narrativas oficiais, assim são trabalhados aspectos sobre um contexto socioeconômico de pouca ou média expressão nos documentos tidos oficiais.

As narrativas apresentadas no trabalho remontam a historicidade dos processos da comunidade. A permanência dessas escutas ativas é uma forma de manter viva e ativa as histórias de formação da comunidade e trazer à tona seus saberes.

Como salienta Gonzaléz-Ruibal (2006; 2008; 2009), Arqueologia do Presente colabora com e enfatiza esses processos de escuta, e de lida com as “sociedade vivas”, que significam e ressignificam as materialidades (“os barros”, as estruturas, os monturos, os montículos, barreiros, cacimbas, a água, lagoas, os pastos, o solo), assim a comunidade segue vivenciando esses processos transformacionais.

A comunidade Lagoa de Fora, sobretudo a partir década de 2000, vem sentindo as novas formatações de seu território, seja no aumento de densidade demográfica e a chegada de pessoas de fora da família Negreiros, seja na ampliação de políticas públicas, que incidem nas fronteiras entre o urbano e rural em São Raimundo Nonato. Esta expansão da malha e estruturas urbanas de São Raimundo Nonato, produzem consideráveis riscos aos modos de vida tradicional da comunidade, às narrativas e a sua materialidade.

Pensa-se e utiliza-se como exemplo claro das alterações ocupacionais, o terreno – área – onde se localizam “os barros”, as materialidades da habitação de Serapião José de Negreiros, que em razão de acordos e enlaces de heranças na atualidade, não pertence a comunidade, o que ocasionou a interrupção abrupta do acesso integral das áreas que compõem a unidade doméstica do patriarca da comunidade.

Em suma as alterações no modelo tradicional de ocupação familiar colocam em risco o acesso comunitário a áreas tradicionalmente compartilhadas, tanto áreas de vestígios arqueológicos antrópicos, como a casa de Serapião e de outros descendentes, quanto as áreas de recursos, como aos bens hídricos - lagoas, cacimbas, barreiros -, e áreas de pastos, que tradicionalmente tem um uso coletivo (apesar, de em alguns casos, como das cacimbas e barreiros, ter um “dono” específico que compartilha o seu uso com outras famílias) e que a lógica do cercamento das áreas vendidas faz com que, muitas vezes, estes recursos coletivos se tornem inacessíveis.

A propagação e manutenção de meios de vida tradicionais da comunidade parece ser um aspecto fundante da mesma, e que a caracteriza, em associação a manutenção de um profundo interesse genealógico e formativo que os próprios descendentes têm com a sua história de origem e de laços constantemente reafirmados com seus ancestrais.

Serapião e Anna Rosalina, ao escolherem a vida na Lagoa “Às afora” trazem consigo memórias, éticas de existência, técnicas de manejo, de habitação, técnicas estar no mundo, que estão presentes e são vividas, criadas, modeladas, afirmadas e construídas por seus descendentes.

### Agradecimentos

Agradecemos à comunidade Lagoa de Fora, pelo apoio na pesquisa, em especial aos colaboradores desse trabalho, nomeadamente, Angélica Alves de Negreiros, Inez Maria de Negreiros, Antônio de Negreiros Paes, Alzira Paes Landim, Bartolomeu Paes Landim, João de Negreiros Sobrinho, Maria Amélia de Negreiros Paes, Maria Delza de Negreiros, Luzineide Maria de Negreiros, Agnelo Alves de Negreiros, Berílio de Negreiros Paes.

A Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), pelo apoio institucional.

### Referências

- ACHA, M., 2021. Arqueología da Paisagem. Considerações sobre a perspectiva de vivência e de movimento. *Cadernos do Lepaarq*, 18(35), pp.217-235.
- ACHA, M., 2016. Um estudo etnoarqueológico sobre o pastoreio em Santa María, Argentina. Tese (Doutorado em Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- ASHMORE, W. e KNAPP, A.B. (eds.), 1999. *Archaeologies of landscape: contemporary perspectives*. Oxford: Blackwell Publishers.
- BAILÃO, A.S., 2016. Paisagem - Tim Ingold (verbete). In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: FFLCH-USP, pp.1-5.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A., 2001. Etnoarqueología de la vivienda en África subsahariana aspectos simbólicos y sociales. *Arqueoweb: Revista de Arqueología en Internet*, 3(2), pp.1-27. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/3-2/ruibal.pdf> [Acesso em 3 mar. 2023].
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A., 2008. Time to Destroy: An Archaeology of Supermodernity. *Current Anthropology*, 49(2), pp.247-279.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A., 2009. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, J. et al. (coords.) Mundos tribales: una visión etnoarqueológica. València: Museu de Prehistòria de València, pp.16-27.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A., 2006. The Past is Tomorrow. Towards an Archaeology of the Vanishing Present. Norwegian Archaeological Review, 39(2), pp.110-125.

HAMILAKIS, Y., 2011. Archaeological ethnography: a multitemporal meeting ground for archaeology and anthropology. Annual Review of Anthropology, 40, pp.399-414.

HARTEMANN, G. e MORAES, I.P., 2018. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na Arqueologia. Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, 12(2), pp.9-34.

INGOLD, T., 1993. The temporality of the landscape. World Archaeology, 25(2), pp.152-174.

LEAL, N.S. et al., 2023. Criação, água e Parentesco. Trajetórias e genealogias da família Negreiros no Povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato- PI. Cadernos de Campo, 32(2), pp.1-16.

LIMA, N.C. (org.), 2020. Páginas da História do Piauí colonial e provincial. In: Páginas da História do Piauí colonial e provincial. Teresina: EDUFPI, pp.41-70.

LIMA, R.R., 2010. Arquitetura Vernácula e Habitação de Interesse Social. In: Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: ENANPARQ, pp.1-15. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/51/51-651-1-SP.pdf> [Acesso em 19 jun. 2025].

MAIA, S.S.S., 2022. “É o chão que continua”: a arquitetura em taipa de mão do sertão de Quixadá - Ceará. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas.

NASCIMENTO, E.L.M., 2011. A Textura da Vida Diária: Materialidade e Paisagem no Cotidiano do Quilombo de Arques (Vale do Mucuri/MG). Dissertação (Mestrado em Antropologia). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

NEGREIROS, L.A.G., 2014. O catolicismo popular na comunidade de Lagoa de Fora, Zona Rural de São Raimundo Nonato-PI (1968-2014). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). São Raimundo Nonato: Universidade Estadual do Piauí.

OLIVEIRA, J.S., 2011. 1912: São Raimundo Nonato, um projeto de emancipação política. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). São Raimundo Nonato: Universidade Estadual do Piauí.

PAES, S.S.N., 2022. “Essa água não via pezinho”: estruturas materiais e narrativas sobre coleta de água em Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato, Piauí. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial). São Raimundo Nonato: Universidade Federal do Vale do São Francisco.

RIBEIRO, N.N., 2023. “As primeiras ocupações da família Negreiros em Lagoa de Fora, Piauí: Mapeamento, materialidades e narrativas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial). São Raimundo Nonato: Universidade Federal do Vale do São Francisco.

SILVA, L.V.O. e ALENCAR, C.O.C., 2019. Casa sertaneja como retrato da arquitetura vernacular nordestina: a valorização cultural por meio dos materiais e métodos construtivos. In: Anais da Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia. Fortaleza: Even3, pp.1-10.

SOUZA, N.A.O., 2020. O urbano a serpentejar a Amazônia: intersecções entre Arqueologia e arquitetura vernacular. Arche: Revista Discente de Arqueologia, 1(1), pp.1-15.

TAKAMATSU, P.H.T., 2013. Arquitetura vernacular: estudo de caso vila do Elesbão/ Santana- AP: análise do habitar vernacular no ambiente construído e sua preservação. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

TEIXEIRA, R. e SALCEDO, R.F.B., 2019. A Configuração da Casa na paisagem cultural da cidade colonial nordestina. In: Anais do II Simpósio Internacional Patrimônios: cultura identidades e turismo. Ourinhos: Unesp, v.1, pp.1-25.

VIANA, N.M.R., 2018. Traquejos e labutas: trabalhadores escravizados no sertão do Piauí (São Raimundo Nonato, segunda metade século XIX). Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana.

ZAMBRINI, A.V., 2016. As veredas do bode: criação na solta e labor no sertão de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.